

PREVALÊNCIA DE INFECÇÃO PELO HIV EM DEPENDENTES QUÍMICOS DE UM CENTRO DE ACOLHIMENTO NO ESTADO DE ALAGOAS

Bárbara L. Fon^{1*}, Helissa M. N. S. Oliveira¹, Jéssica A. Duarte¹, Franklin B. Bezerra², Sonia M. S. Ferreira³

1. Estudantes do Centro Universitário Cesmac

2. Estudante do Mestrado Profissional Pesquisa em Saúde do Centro Universitário Cesmac

3. Professora do Mestrado Profissional Pesquisa em Saúde do Centro Universitário Cesmac

Resumo:

Para determinar a prevalência da infecção pelo HIV em dependentes químicos de um centro de acolhimento para pessoas com dependência química do estado de Alagoas, foi realizado um estudo do tipo observacional analítico transversal, utilizando como população 1227 registros de usuários atendidos no ano de 2014. Dos testados, 46 estavam infectados (3,7%). Dentre os resultados das variáveis analisadas o perfil foi semelhante entre os usuários com teste reagentes e aqueles não reagentes chamando a atenção a pouca aderência ao uso de camisinha. O estudo aponta para um desafio a mais para o Centro de Acolhimento, que apesar de cumprir o seu papel de acolher a população carente com dependência química, precisa ampliar sua política de prevenção, orientando os usuários com maior vulnerabilidade, biológica e social, e cuidando daqueles usuários infectados.

Autorização legal: O seguinte trabalho recebeu parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Cesmac, sob o número 1.338.132 no dia 25 de novembro de 2015, sem a necessidade de apreciação da CONEP.

Palavras-chave: Saúde Pública; Síndrome da Imunodeficiência Adquirida; Drogas Ilícitas.

Apoio financeiro: PSIC SEMENTE/MESTRADO.

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: Centro Universitário Cesmac.

Introdução:

A pandemia da AIDS tornou-se um ícone de grandes questões que afligem o planeta, como: direitos humanos, qualidade de vida, política de medicamentos e propriedade industrial. Questões estas que extrapolam as meramente de saúde, trazendo mudanças significativas em outras áreas da vida³.

De acordo com os dados do boletim

epidemiológico do Ministério da Saúde do Brasil, desde o início da epidemia em 1981 até junho de 2015, foram registrados 798.366 casos de AIDS⁴.

O Brasil é um dos maiores consumidores de cocaína do mundo. Aproximadamente 2 milhões de brasileiros já usou a cocaína fumada pelo menos uma vez na vida. No Nordeste do Brasil, o percentual de usuários desse tipo de droga é de 27%, o índice é o segundo maior do país⁵.

No Brasil, em relação ao álcool, metade da população adulta é abstêmia, no entanto, os bebedores apresentam elevado nível de consumo de risco: 3% usam o álcool de forma abusiva e 9% têm dependência⁶.

O estudo da relação entre uso de cocaína e HIV é desafiante à medida que as propriedades da droga e suas práticas comuns de uso provocam um acréscimo na exposição ao vírus. Esta relação não ocorre apenas devido ao compartilhamento de seringas contaminadas, mas também por incapacitar o usuário a afastar situações que podem ser de risco. Seu rápido efeito exige a necessidade de uso contínuo e repetido, levando o usuário a atos como trocas de sexo por droga, sexo não seguro, múltiplos parceiros e violência sexual com consequente aumento de oportunidade de uma relação com prováveis parceiros infectados. Não obstante, a associação entre cocaína e HIV exige uma atenção maior comportamental. Há indícios na literatura de que a cocaína tenha a capacidade direta de comprometer o sistema imunológico, impactando na infecção pelo HIV e na progressão para AIDS¹⁰.

Existe uma lacuna de conhecimentos no estado de Alagoas da condição de dependência e de como ela se relaciona com a prevalência de infecção pelo HIV nos dependentes que buscam ajuda para sair da dependência. Com o propósito de contribuir com o conhecimento atual sobre este tema, o estudo tem como objetivo verificar a prevalência de infecção pelo HIV entre os usuários acolhidos pelo Centro de Acolhimento para Pessoas com Dependência Química da SEPOD. Além de traçar o perfil dos

usuários do centro de acolhimento e daqueles reagentes para o teste do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV).

Metodologia:

Pesquisa do tipo observacional Transversal, realizada no Centro de acolhimento para pessoas com dependência química da SEPOD. Como critérios de inclusão foram utilizados os registros de prontuários de usuários com idade igual ou superior a 18 anos da SEPOD, no período de janeiro a dezembro de 2014.

E como critérios de exclusão, foram excluídos os registros, cuja falta de informações inviabilizassem os resultados do estudo.

Resultados e Discussão:

Após aplicados os critérios de inclusão e exclusão foram estudados 1227 registros de dependentes acolhidos na SEPOD no ano de 2014. Em relação ao gênero, foram os usuários do sexo masculino (94,1%) que mais procuraram o Centro de Acolhimento.

A média de idade foi $33,1 \pm 10,81$ variando de 18 a 75 anos. Para Bastos e Bertoni⁶, no Brasil, os usuários de crack e/ou similares são adultos jovens com idade média de 30,28 anos. De acordo com Laranjeira³ a idade da população conforme levantamento em 2012 concentrou-se em 18 a 29 anos (26,3%) e com 50 anos ou mais (27,4%). Dentre os usuários, 21,1% viviam em situação de rua. Bastos e Bertoni⁶ afirmaram ser alto o percentual de usuários de drogas que vivem em situação de rua chegando a 40%.

Foi verificado uma baixa prevalência da cor branca (10,3%). Os estudos e grandes levantamentos a respeito do tema têm evidenciado e confirmado esta baixa prevalência de dependentes que tenham a cor da pele branca^{6,8,9,10}. Esses percentuais são tão elevados que trazem o fator da raça como um agravante na carência de oportunidades econômicas, sociais, culturais, sobretudo de ordem preventiva no uso de drogas.

Entre os usuários de drogas, os que possuem ensino fundamental foi o mais frequente (62,8%) com um percentual de 13,8% de analfabetos. Este padrão é confirmado pelo estudo de Bastos e Bertoni⁶ que encontrou uma proporção de usuários de drogas no Brasil que cursaram ou concluíram o Ensino Médio de 16,49%. De acordo com Laranjeira³, o ensino primário incompleto com 26,1% continua sendo a maioria nos usuários de álcool e drogas.

Os resultados obtidos nos atendimentos nos Centros de Acolhimento mostraram que

quase em sua totalidade 98,9% tem uma profissão, mas que grande parte deles estão desempregados (62,6%). A taxa alta de desemprego pode ser o resultado de ausências ao trabalho, absenteísmo, acidentes de trabalho, queda de produtividade e dificuldade em relacionamentos interpessoais que são ocasionados pelo uso continuado gerando problemas em se manter a vida laboral, acarretando dificuldades econômicas para aquisição da droga. A dificuldade econômica pode levar a criminalidade e a vulnerabilidade de muitos usuários.

Um dado preocupante diz respeito ao uso de camisinha. Uma das perguntas da anamnese do centro de acolhimento falava a respeito do uso de camisinha com parceiro (a) fixo (a) e com parceiro (a) eventual. A maioria dos acolhidos nunca usava camisinha durante relações sexuais com parceiros fixos (34,7%) e às vezes com parceiro eventual (29,4%). Apenas 15,3% dos acolhidos usavam sempre camisinha com parceiros (a) fixos e 21,1% com parceiro (a) eventual. O padrão de não proteção a eles próprios e a seus parceiros reforça o risco potencial de transmissão de doenças sexualmente transmissíveis e pode refletir a mais alta probabilidade de risco de contrair o HIV quando comparado a população em geral^{2,5,6,7}.

Dos usuários de drogas, 61,9% não souberam dar a informação quanto a quantidade de parceiros (a) que tiveram até o momento da entrevista e 25,6% informaram que tiveram de 1 a 10 parceiros (a). Para Laranjeira et al¹¹. A infecção pelo HIV está ligada diretamente ao número elevado de parceiros sexuais.

Outro achado importante foi que os usuários em sua maioria eram dependentes de múltiplas drogas (82,8%), com relato de recaídas variando de 1 a 24 episódios com média de $2,37\% \pm 2,752$. O padrão de múltiplas drogas é semelhante aos relatados por Cruz et al.¹⁰ e Bastos e Bertoni⁵.

Os usuários de drogas acolhidos, em sua maioria, são filhos biológicos (95,6%), o que manifesta que pode não ser o vínculo sanguíneo e sim o ambiente familiar no qual a pessoa está inserida que vai facilitar ou não o uso de drogas. Resgatar a família trata-se de um trabalho que deve ser priorizado pelas políticas públicas como medidas preventivas e de proteção.

Dos acolhidos, 70,4% afirmam ter religião. Bastos et al.¹², ressaltam que pessoas cuja principal atividade de lazer foi a frequência a festas, bares, boates e afins tiveram 73,3% mais chances de consumir drogas do que os que frequentavam atividades culturais,

esportivas e religiosas, assim como o fato do indivíduo não ter sido criado em um lar onde a religião se mostrou relevante aumentou sua chance de adotar um padrão de consumo em álcool. Nesse estudo o uso de drogas ilícitas estava fortemente associado as práticas religiosas e opções preferenciais de lazer.

Dentre os testados foi verificado que 46 acolhidos tinham teste positivo para o HIV representando uma prevalência de 3,7%. A prevalência da infecção pelo HIV em dependentes químicos tem sido estabelecida para os usuários de drogas ilícitas. Em estudo realizado em dez municípios brasileiros, entre 2008 e 2009, foi estimada taxa de prevalência de infecção pelo HIV de 5,9%⁷. A prevalência nos usuários de droga foi de aproximadamente oito vezes a de HIV na população em geral.

A média de idade dos acolhidos infectados foi de $33,33 \pm 10,47$, sendo a maioria do sexo masculino (94,6%). O baixo percentual de mulheres desta população vai de encontro aos estudos e os levantamentos epidemiológicos no Brasil que apontam para o crescimento do número de mulheres infectadas pelo HIV especialmente em decorrência de sua vulnerabilidade biológica, epidemiológica e social^{1,2}. Para Bertoni et al.⁸ são as mulheres quem mais utilizam serviços de saúde e sociais, no entanto, os resultados do presente estudo mostraram baixíssimo percentual de mulheres que buscaram o Centro de Acolhimento⁷.

Dos reagentes, 61,8% iniciaram o uso de drogas na adolescência, informação semelhante aquelas dos não reagentes. Cruz et al.¹⁰ mostraram que os usuários de crack no Brasil são frequentemente usuários de múltiplas drogas. Bertoni et al.⁸ relataram que existe um padrão diferente de consumo entre homens e mulheres usuários de crack, os homens informam mais o policonsumo de drogas do que as mulheres.

Conclusões:

Observa-se uma alta prevalência de acolhidos infectados em relação a população em geral. Os resultados dos acolhidos reagentes não apresentaram diferença estatisticamente significativas para nenhuma variável em relação aos não reagentes, embora o sexo desprotegido nos reagentes e o maior número de parceiros sejam preocupantes e indicam uma necessidade de trabalhar melhor os aspectos do processo saúde-doença, bem como a necessidade de transformações nos modelos comportamentais e culturais, pautados na prevenção desses agravos.

Referências bibliográficas

1. PINTO, A. C. S.; PINHEIRO P.N., VIEIRA N.F., ALVES M.D. Compreensão da pandemia da aids nos últimos 25 anos. *Jornal Bras. Doenças sex. transm.*Ceará. 2007;1 :45-50.
2. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS; Boletim Epidemiológico AIDS/DST. Brasília, 2015.
3. LARANJEIRA, R. (Supervisão). Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas (INPAD). II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD).2012.
4. LARANJEIRA, R. PINSKY I., SANCHES M., ZALESKI M., CAETANO R. Padrão de uso de álcool em brasileiros adultos; *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, 2010; 32(3): 231-241.
5. BASTOS, F. I. Taxas de infecção de HIV e sífilis e inventario de conhecimento, atitudes e praticas de risco relacionadas as infecções sexualmente transmissíveis entre usuários de drogas em 10 municípios brasileiros. Relatório técnico entregue ao Departamento de DST-AIDS e Hepatites Virais, 2009. IN: Brasil.Ministério da Saúde.Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Relatório de Progresso da Resposta Brasileira ao HIV/AIDS (2010-2011).
6. BASTOS, F. I.; BERTONI, N. Pesquisa Nacional sobre o uso de crack: quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? quantos são nas capitais brasileiras?; Rio de Janeiro: Editora ICICT/FIOCRUZ. 2014.
7. FALLER, S. ; PECHANSKY, F. ; DIEMEN, L. V. Relações entre uso de Cocaína e HIV/AIDS. In: Ronaldo Laranjeira; Marco Antonio Bessa. (Org.). Departamento de Dependência Química da ABP. Associação Brasileira de Psiquiatria. São Paulo, 2006; 1-10.

8. BERTONI, N.; BURNNET C.,CRUZ M.S.,ANDRADE T.,BASTOS F.,LEAL E., FISCHER B.,Exploring sex differences in drug use, health and service use characteristics among young urban crack users in Brazil. *Int J Equity Health*. 2014; 1: 13-70.
9. GRANGEIRO, A.,HOLCMAN M.M.,ONAGA E. T.,ALENCAR H. D. R.,PLACCO A. L. N., TEIXEIRA P. R. Prevalence and vulnerability of homeless people to HIV infection in São Paulo. Brazil. *Rev Saúde Pública*. São Paulo. 2012; 46(4):674-84.
10. CRUZ, M.,BERTONI N.,BASTOS F. BURNETT C.,GOOCH J., FISCHER B. Comparing key characteristics of young adult crack users in and out-of-treatment in Rio de Janeiro. Brazil. *Subst Abuse Treat Prev Policy*. 2014;10 (9): 7.
11. LARANJEIRA, R.; RIBEIRO, M.; DUALIBI L. B.;Profile of cocaine and crack users in Brazil. Rio de Janeiro. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro. 2008; 24 (4).
12. BASTOS, F. I.; BERTONI, N.; HACKER, M. A. Grupo de Estudos em População, Sexualidade e Aids. Consumo de álcool e drogas: principais achados de pesquisa de âmbito nacional; Brasil, 2005, *Rev Saúde Publica*. 2008; 42 (1): 109-17.